

A CONTRIBUIÇÃO DO USPIANISTA JOSÉ MIGUEL WISNIK PARA A LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE A MÚSICA E A LITERATURA

Jamille Maria Nascimento de Assis¹
Prof.^a Dr.^a Rachel Esteves Lima²

Resumo: Este trabalho analisa a obra de José Miguel Wisnik, crítico e músico que vem se consolidando no meio acadêmico como um criador/ leitor da cultura brasileira a partir dos enlaces formados entre música e literatura ao longo de nossa história. Apesar disso, a obra de Wisnik ainda não foi objeto de investigação mais sistemática no meio universitário, e os esforços aqui apresentados dirigem-se a acompanhar sua trajetória, focalizando as estratégias que fazem com que sua obra crie um espaço particular de interlocução entre essas duas áreas artísticas. Constatamos que a trajetória do crítico é um modelo possível para se interpretar nossas manifestações culturais sem se recair na leitura puramente textual, como normalmente ocorre quando críticos literários se dedicam a analisar produtos simbólicos pertencentes a outros sistemas semióticos.

Palavras-chave: José Miguel Wisnik, Literatura e Música, Crítica Cultural.

As luzes se enfraqueceram. O microfone foi ligado. O som do violão foi escutado ao longe. Silêncio na platéia. Enfim, o professor aparece para dar seu show. Evoca Vinícius de Moraes com seu mito grego no morro carioca – A montagem *Orfeu Negro* - e explica que, por conta dos acasos da vida, a produção desta peça pôde produzir grandes encontros, como o de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, compositores fundamentais para a gestação do movimento da bossa nova.

Essa e outras histórias foram contadas e cantadas pelos professores e músicos José Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski, num encontro chamado de aula-show no dia 29 de maio de 2009 na Reitoria da Universidade Federal da Bahia. Assim como Vinícius de Moraes, que no seu diálogo com canções, poesia e outros artistas, engendrou um estilo musical - a bossa nova -, Wisnik vem se consolidando no meio

¹ Aluna do mestrado da pós-graduação Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia. jamilleassis@gmail.com.

² Prof.^a Dr.^a Adjunto da Universidade Federal da Bahia, atuando no curso de graduação em Letras, no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura e no Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade. rachellima@uol.com.br.



acadêmico como um leitor/criador da cultura brasileira a partir dos enlaces formados entre música e literatura ao longo de nossa história.

Este estudo é fruto de pesquisas anteriores no campo intersemiótico entre música e literatura na crítica acadêmica. Diante do panorama de crescente inserção dos estudos sobre música em teses e dissertações nos cursos de pós-graduação de Letras de todo o País, observei que a figura de um crítico literário despontava como aquele, que na sua própria formação, direcionava seus olhares letrados para outras formas de arte que não, somente, o texto literário.

Diferentemente de outros estudos que abordavam a música através de uma mera leitura de composições - resultado da falta de proximidade dos estudos de Letras com os aportes teóricos específicos de ordem musical - o *uspianista* Wisnik (denominação dada por ele mesmo), nos mostra um modelo possível para se interpretar nossas manifestações culturais, sem recair na separação entre modos de dizer que estão intensamente imbricados, como a melodia e a letra de música. Esta análise diferenciada pode ser explicada pela sua formação tanto como músico, quanto como acadêmico de Letras.

Natural de São Vicente, interior de São Paulo, ele, durante muitos anos, estudou piano clássico e até se apresentou como solista da Orquestra Municipal de São Paulo, aos 17 anos. Ainda na adolescência, teve contato intenso com música de vanguarda e poesia concreta nos Festivais de Música Nova em Santos. Porém, tinha intenções de estudar literatura e achava que talvez não pudesse conciliar seus múltiplos interesses em um único estudo.³ A escolha da graduação em Letras fez com que ele se afastasse das muitas horas de estudo de música clássica; entretanto, abriu as portas para um estudo teórico sobre tal manifestação. Este retorno sistemático aconteceu com a dissertação sobre a música na Semana de Arte Moderna.⁴ A Universidade de São Paulo foi e, ainda é, a instituição que assiste ao desenvolvimento intelectual deste que pensava que viveria de sinfonias e partituras. Lá se graduou em Letras e, posteriormente, fez mestrado e doutorado sob orientação de Antonio Candido.

O percurso de Wisnik se tornou um tanto peculiar, pois sua produção não segue ao pé-da-letra os pressupostos teóricos usualmente defendidos pela USP. A Faculdade

³ Ver o relato de José Miguel Wisnik sobre a sua história e formação intelectual em O intelectual nativo. In. NAVES, Santuza Cambraia, COELHO, Frederico Oliveira, BACAL, Tatiana (Org.). *A MPB em discussão: entrevistas* – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p.197-220.

⁴ WISNIK, José Miguel. *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*. 01. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas se destaca por investir numa leitura minuciosa do texto literário. A instrumentalização para tal estudo vem das teorias literárias propostas pelo *New Criticism*. Usando esse aporte formalista, eles se detiveram, e ainda se detêm, principalmente, na leitura da produção modernista, já que, para os uspianos, o modernismo produziu uma obra mais alinhada com a superação da dicotomia entre o local e o universal. Além da análise formalista, a USP também se utiliza de aportes sociológicos para captar as contradições da sociedade nos textos literários. Neste ambiente, ao diversificar os temas de suas orientações - mesmo não concordando com certas teorias ali defendidas - Antonio Candido orientou uma diversidade temática, demonstrando assim espírito democrático. Na sua tese de doutorado Rachel Esteves Lima menciona os estudos que foram orientados por Antonio Candido. Observa-se que ele supervisionou formalistas como Luiz Costa Lima e Décio Pignatari. Isto, provavelmente, explica o porquê de Wisnik, que traz a música popular para um ambiente acadêmico tão concentrado na análise formalista e sociológica, ter buscado nele apoio para a realização de seus trabalhos de pós.

Os estudos de Wisnik vieram em sincronia com as práticas interdisciplinares resultantes da expansão teórica e metodológica, ocorrida no Brasil principalmente a partir dos anos de 1980, de revalorização da história, da cultura e a ampliação do conceito de texto nos estudos literários. Isso é resultado, em parte, da difusão dos Estudos Culturais, o qual balizou um campo que traz a noção de arte como sendo espaço de diálogo entre as múltiplas culturas que formam as diversas identidades. Assim, rompe-se com o primado do *beletrismo*, que não tem mais o poder exclusivo de aglutinar e determinar as representações de um País. Como afirma Silviano Santiago em “Democratização do Brasil, 1979 – 1981, cultura versus arte” ao referir-se ao período: “A arte abandonava o palco privilegiado do livro para se dar no cotidiano da vida.”⁵. O texto de Santiago traça um histórico das transformações do campo cultural, diante de um contexto de redemocratização. Como não poderia ser diferente, essas mudanças chegaram à esfera intelectual, que se viu obrigada a flexibilizar sua posição de mediação entre a arte e as camadas populares, uma vez que estas passam a dar visibilidade, por si só, à sua híbrida cultura. E é neste contexto que se opera não só uma abertura de espaço para as manifestações ditas populares como uma desierarquização das produções que costumeiramente tinham seu lugar de prestígio. Este movimento tanto ampliou o espaço de contato entre as diversas formas artísticas como tornou próximo o objeto artístico

⁵ SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil 1979-1981(Cultura versus arte).p.161.

desejado, operando-se assim a sua dessacralização. O que se configurou no universo das faculdades de Letras foi, pois, a necessidade de se estudar a cultura, extrapolando o domínio dos livros. Isso pode ser resultado do acesso de um contingente maciço de pessoas da classe média e de jovens que queriam se ver refletidos na academia, mesmo que esse reflexo ainda estivesse turvo pelas objeções das classes historicamente privilegiadas por sua posição nas cidades letradas. Em contrapartida, os estudos vêm encontrando resistência por parte de alguns estudiosos como Leyla Perrone Moisés, que afirmam, por exemplo, que os próprios culturalistas interpretam mal seus autores principais, como ocorre com Derrida. Em seu ensaio, “Desconstruindo os Estudos Culturais” ela traça, para as principais vertentes do campo - os estudos de gênero, étnicos e pós-coloniais - um panorama que não corresponderia aos estudos desconstrucionistas. Perrone Moisés conclui da seguinte forma: “De modo geral, o que não é absolutamente derridiano nos estudos culturais é a essencialização dos seus objetos, as conclusões apresentadas como sentidos plenos e moralizantes, enquanto a desconstrução é (...) um adiamento (diferimento) constante da conclusão, da Verdade”.⁶ E ela, de forma alarmista, ainda afirma que essa variedade de estudos, ao promover uma multiplicidade de direcionamentos, pode se tornar um *perigo* para as pesquisas sobre literatura, na medida em que se perde de vista o que seria prioritário: o texto literário.

Por outro lado, Eneida Maria de Souza em seu artigo “Os livros de cabeceira da crítica” desconstrói esse temor gerado pelas mudanças imprimidas pelos Estudos Culturais, apresentando inicialmente o estado das discussões:

A posição da literatura no âmbito dos estudos culturais é um tema oportuno para se refletir sobre o estatuto do discurso crítico literário frente ao avanço dos estudos culturais na contemporaneidade. O que se tem hoje é a mudança de foco na crítica aos empréstimos: o eurocentrismo imputado aos estudos estruturais pelo americanismo dos estudos culturais. A predominância do cultural frente ao literário constitui, para muitos, uma ameaça à crítica literária, abalada pela ausência de perfil e indefinição de fronteiras. No entender de muitos pesquisadores, a avalanche teórica suplanta a ênfase na literatura, ficando o debate universitário entregue a questões filosóficas, históricas e antropológicas, em prejuízo para a discussão do literário.⁷

A autora, por sua vez, defende que somente com o exercício da transdisciplinaridade se efetuará a relativização dos saberes fechados, particularizados,

⁶ MOISÉS, Perrone Leila. Desconstruindo os Estudos Culturais. P.7

⁷ SOUZA, Eneida Maria de. Os livros de cabeceira da crítica. p.20.

auratizados⁸ e aprisionados num castelo cuja chave é possuída por poucos (aqueles que dominam e são guardiães da retórica literária). E, ao contrário do que se possa talvez inferir, tais disciplinas não substituem os estudos literários por outros antropológicos, por exemplo. Eles reavivam e disseminam o estatuto de literário num ambiente maior, que é o das ciências humanas. Portanto, toda forma de produção literária torna-se potencial mote de diálogo com a cultura. Talvez seja, por conta dessa abertura teórica aliada à vontade de investir nos estudos da MPB, que Wisnik se aprofundou em trabalhos que versassem sobre a aliança ancestral entre música e literatura. A sua produção crítica da década de 1970 para cá foi, num crescente, se aproximando cada vez mais dos aspectos musicológicos e da sua interação com o literário. Em 1976, ele publicou o livro *Gregório de Matos- poemas escolhidos*, no qual pôde selecionar poemas em suas diversas modalidades, e ainda produzir numerosas notas de esclarecimento do texto, uma biografia sumária do poeta e uma análise crítica de sua obra. Desde essa primeira publicação, verifica-se o quanto Wisnik se envolveu em estudos de autores que se aproximam da cultura popular e que, posteriormente, se tornaram referenciais do tropicalismo baiano. Passando pela sua dissertação que virou livro e pelas obras *O som e o sentido* e *Livro de partituras*, sem falar na reunião de diversificados ensaios em *Sem receita*, observa-se o quanto o crítico começa a se enveredar pela especificidade da música e seu importante papel na formação da cultura brasileira.

Em “O minuto e o milênio ou por favor, professor, uma década de cada vez”, Wisnik discute sobre a criação musical em tempos de ditadura, em especial, na década de 1970. Enfatiza a música popular comercial e a capacidade de ela traduzir os dilemas de nossa cultura. Para isso, ele destaca figuras como Roberto Carlos, Chico Buarque e Caetano Veloso. Este último é figura representativa do tropicalismo, movimento emblemático da nossa história, por definir o ambiente brasileiro a partir da devoração de tudo, independentemente de sua origem, se externa ou interna. À diferença de seus pares uspianos, Wisnik traça para a tradição cultural brasileira uma posição particularizada frente às idéias estrangeiras, isto é, nem inferior, nem superior, apenas distinta. É de

⁸ Tema discutido por Walter Benjamin no texto A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.p.165-196.

Roberto Schwarz, crítico da aclimatação de idéias estrangeiras nos países colonizados,⁹ a opinião diversa em relação ao tropicalismo. No texto “Cultura e política, 1964-1969”, o crítico delineia uma correlação entre as articulações do governo e as manifestações culturais em 5 anos de ditadura. A certa altura, ele aponta que aquele momento histórico de *cotidiana fantasmagoria* e de *anacronismo social* preparou a base para o movimento tropicalista. Ele ainda salienta: “Noutras palavras, para obter o seu efeito artístico e crítico o tropicalismo trabalha com a conjunção esdrúxula de arcaico e moderno que a contra-revolução cristalizou, ou por outra ainda, com o *resultado* da anterior tentativa fracassada de modernização nacional”.¹⁰

Além de enfatizar o uso de nossa situação de país atrasado e agrário em relação ao que se vinha produzindo no primeiro mundo, o tropicalismo se utilizava de modelos estrangeiros que, segundo Schwarz, muito provavelmente, só seriam decodificados por um grupo privilegiado socialmente – formado por aqueles que tivessem acesso às novas tendências. E conclui: “O efeito tropicalista tem um fundamento histórico profundo e interessante; mas é também indicativo de uma posição de classe”.¹¹ Isto é, o que o tropicalismo fazia dentro dos grandes festivais não correspondia, segundo o crítico das idéias fora do lugar, ao mundo lá fora, das desigualdades sociais brasileiras.

Wisnik, por sua vez, participou do ambiente tropicalista no Festival Universitário de 1968, com a canção *Outra viagem*, cantada por Alaíde Costa, e só voltou a tocar publicamente no final dos anos 1980. Ele afirma que o trabalho ensaístico que ele viria a desenvolver aproveita elementos construídos pela experiência tropicalista, movimento com o qual ele imediatamente se identificou. Foi assumindo esta face diferenciada, que Wisnik, mesmo sendo formado pela tradição de leitura *uspiana*, começou a ser mais detidamente observado como exemplo de inovação frente ao momento de intensas mudanças que, em especial, a área de Letras vem passando.

Isto foi verificado por Silviano Santiago no artigo, já anteriormente citado, “A democratização do Brasil 1979-1981 (Cultura versus arte)”. Ao falar sobre a abertura do campo de Letras para a *cultura da maioria (popular)* que sempre estudara a *cultura de uma minoria (erudita)*, Silviano evoca a figura de Wisnik - jovem naquele momento da década de 1970 - e o seu texto “O minuto e o milênio ou Por favor, professor, uma

⁹ Neste livro Schwarz discute a importação dos pressupostos do liberalismo para os países subdesenvolvidos e as consequências desta aclimatação num sistema escravocrata. Teoria defendida em SCHWARZ, Roberto. Idéias fora do lugar. In. _____. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades, 2000.p.151-161.

¹⁰ SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. p.76.

¹¹ SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. p.76.

década de cada vez” para mostrar que ele foi um estudioso de Letras que abriu a discussão na crítica cultural brasileira sobre a complexidade da música popular comercial. O crítico afirma:

Em lugar de introjetar o rebaixamento cultural que lhe é imposto para se afirmar pelo ressentimento dos excluídos, a música popular passa a ser o espaço “nobre”, onde se articulam, são avaliadas e interpretadas as contradições sócio-econômicas e culturais do País, dando-nos portanto o seu mais fiel retrato.¹²

Este retrato vem sendo passado das mãos de Wisnik a seus orientandos nas suas pesquisas de iniciação científica, dissertações e teses. De um universo de 22 orientandos declarados na plataforma Lattes do crítico, só tivemos acesso a 10 currículos, o que pode interferir numa análise mais profunda das orientações realizadas. Contudo, diante deste *corpus* depreende-se que, seguindo a tendência dos estudos da USP, os trabalhos realizados, em sua grande maioria, têm como objeto autores modernos como Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Adélia Prado e Mário de Andrade. Este último com um enfoque mais voltado à poesia cantada. Destaca-se também que, geralmente, os acadêmicos seguiram seus trabalhos na mesma linha do seu mestrado. Embora tenha sido elencado como um dos iniciadores dos Estudos Culturais no ambiente acadêmico brasileiro, nota-se a prevalência de uma orientação que não difere muito das pesquisas que detêm a hegemonia do espaço *uspiano*. Das 22 teses e dissertações orientadas, apenas 3 (Dante Pignatari. *Alberto Nepomuceno e a invenção da canção brasileira*, João Carlos Maciel de Carvalho. *Metacanção: figuras de tradição na música popular brasileira*, Fernando Carlos de Mesquita Sampaio Filho. *A luz do sol da canção o simbolismo na obra de Caetano Veloso*) podem ser considerados estudos que primam pela especificidade do popular na música. Contudo, só a partir de uma leitura mais atenta desses trabalhos, poderei melhor investigar essa relação entre o que preconiza o crítico e o que realmente é realizado na prática.

De qualquer forma, pode-se, indubitavelmente, dizer que é no espaço intervalar que José Miguel Wisnik também se projeta, como ele próprio diz na sua música *Mestres cantores*: “Nós aqui livres docentes, docemente livres entre o rap e o repente. A canção dolente. A canção e seus matizes. A música total da voz que fala pela fala e pela voz”¹³.

¹² SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil 1979-10981(Cultura versus arte). p.171.

¹³ WISNIK, José. *Mestres Cantores*, 2000.

No embalo musical, o crítico já gravou três discos¹⁴ e publicou uma infinidade de ensaios, livros e textos em jornais, os quais colocam, bem no meio do salão, temas como o futebol e a música popular, para dançar um maxixe bem ao jeito de Machado de Assis. A interface entre música e literatura é privilegiada em seus estudos, o que podemos verificar, por exemplo, no ensaio “A gaia ciência: literatura e música popular no Brasil” –, que trata de alguns exemplos de textos literários posteriormente musicados. Essa leitura não preconceituosa da MPB faz dele referência de diversas obras que discutem o assunto, como *Ao encontro da palavra cantada*, produzido por diversos autores, *O século da canção* de Luiz Tatit, *Modernismo de música brasileira* de Elizabeth Travassos. Observa-se, a partir disso, a variedade e a riqueza dos estudos de um intelectual preocupado em demarcar a inovadora e, por isso, importante posição da cultura brasileira no mundo.

É esse professor, cantor, crítico e compositor que se identifica como o próprio portador dessa polivalência, que se faz objeto de um estudo que busca rastrear o modo como através de suas obras, entrevistas e formação acadêmica, Wisnik vem consolidando os estudos sobre cultura no ambiente universitário.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.p. 165-196.

LIMA, Rachel Esteves. *A Crítica Literária na Universidade Brasileira*. Tese de doutorado em Teoria Comparada. UFMG, Belo Horizonte: [Sn], 1997.

MOISÉS, Perrone Leila. Desconstruindo os Estudos Culturais. Disponível em: <http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeI/DESCONSTRUINDO%20OS%20ESTUDOS%20CULTURAIS.pdf>. Acesso em: junho de 2009.

¹⁴ Discos: José Miguel Wisnik-2000, São Paulo-Rio-2002 e Pérolas ao poucos-2003, além de compor e cantar, ele fez música para cinema (*Terra estrangeira* de Walter Salles e Daniel Thomas), teatro (*As boas*, *Hamlet* e *Mistérios gozozos* para o teatro oficina, e *Pentesiléias*, de Daniela Thomas, dirigida por Bete Coelho.) e dança (fez três trilhas sonoras para o grupo corpo, uma delas, *Parabelo*, em parceria com Tom Zé, outra com Caetano Veloso), E ainda produziu o disco de Elza Soares, *Do Cócix ao pescoço*.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil 1979-1981(Cultura versus arte) In: ANTELO, Raul(Org.). *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras contemporâneas/ ABRALIC, 1998. p.11-23.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.p.61-92.

_____ Idéias fora do lugar. In. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, 2000.p.151-161.

SOUZA, Eneida Maria de. Os livros de cabeceira da crítica. In. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.p.15-24.

WISNIK, José Miguel. O minuto e o milênio ou Por favor, professor, uma década de cada vez. In. NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70 – 1- Musica Popular*. Rio de Janeiro: Aeroplano Senac Rio, 2005.p. 25-37.

_____ O intelectual nativo. In. NAVES, Santuza Cambraia, COELHO, Frederico Oliveira, BACAL, Tatiana (Org.). *A MPB em discussão: entrevistas/–* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p.197-220.

_____ Os mestres cantores. In. *CD José Miguel Wisnik*. Camerati, 2002.